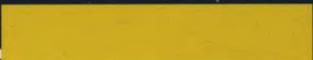
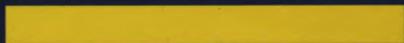
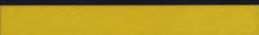
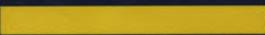


REVISTA   
PORTUGUESA  
 de HISTÓRIA

tomo XXXV 

*Homenagem a Sérgio Soares*



 COIMBRA 2001/2002  
FACULDADE de LETRAS   
da UNIVERSIDADE de COIMBRA  
INSTITUTO de HISTÓRIA ECONÓMICA e SOCIAL

recebeu ainda há pouco tempo merecida consagração, ao ser nomeado Cronista-Mor da Galiza, tendo em curso a publicação de uma obra de grande fôlego, que prefaciou, as *Actas da Xunta de Galicia*.

Sabemos que o seu tempo é muito preenchido, temos consciência do esforço que lhe exigimos quando lhe solicitámos para nos acompanhar neste dia: o nosso agradecimento é por isso redobrado.

Não gostaria de alongar-me mais: somente agradecer a todos a presença amiga, certo de que ao brilho científico de que esta sessão se irá revestir pela qualidade dos intervenientes se juntará o calor de um sentimento forte e sincero que a todos aqui nos congrega.

### **Intervenção do Prof. Doutor João Lourenço Roque**

Há momentos assim, em que somos chamados, por força de singulares acasos ou de imperativos circunstanciais e existenciais, a assumir gratas e honrosas responsabilidades, exprimindo vozes, sinais e testemunhos de apreço e de gratidão pela figura e pela obra de um Mestre e de um Homem de méritos e qualidades excepcionais.

Nesta cerimónia, a mim me toca o privilégio e o desafio de dar voz à minha própria voz e à de tantas gerações que pródiga e generosamente têm usufruído do magistério universitário e humanístico do Doutor António de Oliveira, que hoje singelamente homenageamos, a pretexto do lançamento pelo *Instituto de História Económica e Social* de uma notável e utilíssima colectânea de alguns dos seus estudos, sob o título de *Movimentos Sociais e Poder em Portugal no século XVII*. Uma das principais áreas científicas em que foi pioneiro e que alcançou a níveis de altíssima projecção e excelência.

Registo, de relance, em nota de elementar justiça, que a edição desta obra, que tanto prestigia o Instituto, muito deve ao espírito de iniciativa e ao entusiástico empenhamento da Direcção, constituída pelos Doutores Fernando Taveira da Fonseca e Leontina Domingos Ventura.

Jubilosamente me associo a tão justa e oportuna homenagem. Todavia, muito estreita e apagada será a minha intervenção, diminuída pelas palavras que procuro e não encontro, condicionada pelas memórias que a memória aprisionou.

---

Nascido no coração de Portugal, na telúrica Beira Alta (em Fráguas, freguesia de Mosteiro de Fráguas, concelho de Tondela), Coimbra o atraiu e prendeu. Coimbra - cidade e universidade, onde se licenciou (em 1959, com a classificação final de 17 valores) e se doutorou em *História* (na especialidade de *História Moderna e Contemporânea*, com distinção e louvor, por unanimidade, em Julho de 1972). Construiu e interpretou uma fecunda e multifacetada carreira universitária.

Leccionou um variado e complexo leque de disciplinas, percorrendo, nos primeiros anos de docente da Faculdade de Letras, quase todas as matérias curriculares, desde a *Pré-História e a Antiguidade Oriental e Clássica* até à *História Moderna de Portugal*, à *Geografia Humana e à Teoria da História*. Muito dificilmente se imagina, hoje em dia, quanto espírito de sacrifício, quanto sentido de missão, quanta capacidade de trabalho, quanta inteligência, quanto entusiasmo terão sido necessários para assumir e alcançar tamanhos encargos e responsabilidades.

Perfila-se, assim, o Doutor António de Oliveira como um Professor de grandes capacidades e de múltiplos ensinamentos, de pendor e horizontes universalistas. Um Professor que cultiva e valoriza a arte e a ciência de aprender e de ensinar. Um Professor, com grande sensibilidade pedagógica e psicológica, que conseguiu superar compreensíveis retraimentos e distâncias ou barreiras iniciais, aproximando-se progressivamente dos seus Alunos - de todos eles e de cada um deles -, à procura de uma Escola humanista e humanizada.

No seu vasto e rico labor, o Doutor António de Oliveira interligaria, de modo exemplar, ensino e investigação - binómio essencial da condição universitária.

Insistentemente tem alertado para a necessidade de nos entregarmos a domínios e objectivos especializados, mas interessou-se pela história toda. Desconfinou limites estreitos, fronteiras artificiais e dimensões fragmentárias. Abriu e rasgou novos horizontes, no âmbito da história económica e social, da demografia histórica - temática que, à semelhança de muitas outras, introduziu e difundiu em Coimbra, motivando, por exemplo, dezenas de teses de licenciatura -, da história política, da história institucional, da história cultural e das mentalidades, da história das mulheres, da história local e regional, etc.

Quanto a esta última, tem sublinhado que os estudos monográficos - que não podem nem devem conceber-se em circuitos fechados - representam opções e contributos fundamentais e indispensáveis, enquanto pontos de chegada e de

---

partida para diferentes avanços, redes e perspectivas historiográficas.

Praticou e transmitiu uma visão historiográfica alargada, através de pesquisas sociais e sociológicas que contemplem os ilustres e os poderosos mas também as massas anónimas e os marginalizados.

Sem vacilações, tem sido um combatente pela história, porque do conhecimento do passado decorrem vias essenciais e insubstituíveis quanto à inteligibilidade e visualização do mundo actual e futuro, nos seus contornos e nas suas tendências sociais, nas suas continuidades, ressurgências e mudanças, nos seus ritmos e ritos, etc. Um combatente pela história - repito - porque interrogar e descobrir o passado conduz à descoberta de nós próprios, procurando raízes e identidades, reconhecendo os mundos que já perdemos e os mundos que ainda somos. Judiciosamente realçou num estudo recente:

“Cada geração desfaz e refaz a história. Teia refeita não propriamente pelo contributo de novos dados, mas pelos fios de novas concepções. Cada geração busca a sua identidade no passado e projecta-se no porvir. Por isso, a história, como construto intelectual, é sempre uma história contemporânea e biográfica” (in *O tempo de Vieira: a sociedade e a cultura seiscentista*).

Paladino da autonomia ou das autonomias da história, não descarta (longe disso) as exigências e os benefícios da interdisciplinaridade (ou transdisciplinaridade), internando-se culturalmente pela geografia, pela literatura, pela sociologia, pela economia, pelo direito, pela filosofia, etc.

Diversificada, extensa, influente e decisiva tem sido a sua produção científica. Árvores e frutos que perto e longe frutificam e amadurecem; sementeiras de outras sementeiras; searas e colheitas que deleitam, saciam e renovam; rios de outros rios, desaguando no presente e no futuro.

Das largas dezenas de títulos do seu *curriculum*, limito-me a referenciar:

- *A vida económica e social de Coimbra de 1537 a 1640*, dissertação de doutoramento, distinguida com o Prémio Nacional de História, 1973, obra pioneira e modelar na nova historiografia portuguesa e europeia.

- “A população das comarcas de Leiria e Santarém em 1537” (*Revista Portuguesa de História*).

- “Idade Contemporânea e Idade Moderna” (*Verbo, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*).

- “Estrutura social de Coimbra no século XVI”.

- “Poder e oposição política em Portugal no período filipino (1580-1640)”.
- “Poder e sociedade nos séculos XVI e XVII” (*História de Portugal* dirigida por João Medina).
- “A Restauração” (*História de Portugal* dirigida por João Medina).
- “Problemática da História Local” (*O Faial e a periferia açoreana nos séculos XV-XIX*).
- “Migrações internas e de média distância em Portugal de 1500 a 1900”.
- “O Quotidiano da Academia, 1537-1772” (*História da Universidade em Portugal*, cuja direcção integra).
- “A Universidade e os poderes, 1537-1772” (*História da Universidade em Portugal*).
- “O tempo de Vieira: sociedade e cultura seiscentista”.
- “A Santa Casa da Misericórdia de Coimbra no contexto das instituições congéneres”.
- Várias rubricas relativas ao século XVI (que coordenou, em *Memória de Portugal O milénio português*).
- Vários capítulos do volume da *Nova História de Portugal* (dirigida por Joel Serrão e Oliveira Marques), dedicado ao período 1580-1680, o qual coordena.

Relativamente à colectânea *Movimentos Sociais e Poder em Portugal no século XVII* (recolhendo 21 estudos, com acrescentos e alterações), aqui me valho das eloquentes e sugestivas palavras do Doutor Fernando Taveira da Fonseca, Director do Instituto de História Económica e Social, insertas na “Breve nota de apresentação” que redigiu:

“Este é verdadeiramente um tempo de júbilo: o do sementeiro que, sem deixar de olhar para o futuro, pode já contemplar a vasta messe que o seu esforço e suor fizeram germinar; o dos seus companheiros e discípulos que, depois de terem usufruído de um profundo saber generosamente repartido ao longo do caminho, gostosamente se congratulam e alegram agora por verem a justa consagração do Mestre e do Amigo; o de todos aqueles - investigadores, estudantes ou amantes da História - que poderão mais comodamente aceder a um notável conjunto de estudos sobre uma temática tão aliciante quanto actual e premente, gotas de um vinho velho e lídimo agora vertidas em cálice único”.

Do excelente trabalho sobre *Migrações...de 1500 a 1900*, permito-me transcrever parte das passagens iniciais e da conclusão:

---

“Limitar-me-ei [...] a percorrer posições que valerão apenas como pontos de observação possível. Começarei por revisitar o sentido da sedentaridade, antes de percorrer os grandes caminhos da movimentação da população em Portugal. Acompanharei depois as migrações do trabalho temporário e sazonal, a mobilidade dos universitários e da minoria dos cristãos-novos, antes de encontrar as migrações permanentes e os centros beneficiários destas atracções. Em intenção de estudo ficam “os espaços vividos e investidos” dos migrantes, com toda a complexa problemática inerente, ultrapassando, metodologicamente, o estudo da “intensidade e composição dos fluxos, causas e consequências”.

“Tanto para fora do reino como no seu interior são minorias que se movimentam. Em 1890, os não naturais residentes nos diversos concelhos do continente somavam pouco mais de 10% da população total. Quantos seriam os que de modo permanente ou temporário se deslocavam das suas residências, em busca de melhores condições de vida, nos séculos XVI-XVIII?

Saíam de todos os lugares, certamente. Na primeira metade do século XVII, os que vão residir para além-Guadiana não são mais do que um ou dois de cada lugar. Números mínimos. Todos, permanentes e temporários, são milhares. Quantos? Trinta, quarenta por cento dos que casam nos aglomerados maiores. Partem em busca de pão menos amargo, da procura da mobilidade social. Escudeiro que segue qualquer prosápia nos séculos XVI e XVII, camponês à procura de ofício mecânico na cidade, escolar que procura grau universitário, trabalhador agrícola que estacionalmente ocorre onde a mão-de-obra é melhor remunerada. Gente que se acoita e afoita na cidade, “espaço vivido e investido”.

Atrevo-me ainda a reproduzir alguns extractos do belo prefácio à obra de Maria Antonia Lopes - *Pobreza, assistência e controlo social em Coimbra (1750-1850)*:

“Os homens aprendem pouco. Muito pouco e de modo descontínuo, se tomarmos uma atitude não muito pessimista para com os milhares de anos do seu passado. O que será daqui a outros tantos anos, não é fácil imaginar, não obstante as prospectivas. Pode ser, no entanto, que o Homem seja mais Homem e que os novos “diálogos de amor” construam a paz de modo a que os pobres sejam menos pobres, dado que um mundo perfeito, fora das utopias, parece ser irrealizável.

Na futura história da paz e do amor entre os homens, ficarão para trás longos caminhos, em alguns dos quais o empobrecimento não era um problema social, como genericamente foram os da ainda hoje chamada Idade

---

Média. Com “o erasmismo e o ressurgir da lei paulina do trabalho” (Michel Cavillae), juntamente com o desenvolvimento do mercantilismo, o pobre não deixa de ser imagem de Cristo no mundo católico, nem a Igreja o seu amparo, mas a assistência aos empobrecidos tende a laicizar-se, de que as Misericórdias, sob a imediata protecção régia, são um típico exemplo entre nós. A mentalidade burguesa impõe novos conceitos sobre a esmola e mobiliza a mão-de-obra disponível, procurando evitar os falsos mendigos e atribuindo mesmo, aos verdadeiros, trabalho compatível. Controlo sobre os pobres que se efectuou por múltiplos modos, como diversos eram os géneros de pobreza [...]”.

“A autora conviveu com a dor e a doença, a desgraça, a prisão, o abandono, a esperança de um subsídio de casamento e o conforto de uma sopa, de uma peça de roupa ou de uma outra ajuda. Percorreu a cidade rua a rua, casa a casa, em busca dos pobres, de certos pobres. Penetrou nas prisões, nos hospitais, nos recolhimentos de mulheres, nas rodas dos enfeitados, nas casas dos muitos pobres envergonhados. Doeu-se, de um modo muito especial, das mulheres. Da condição de certas mulheres e de certas crianças [...]”.

Em suma, o Doutor António de Oliveira - um grande historiador e também um brilhante filósofo da história e da condição humana - erigiu admiráveis monumentos historiográficos, caldeando e harmonizando trabalho ingente, riqueza e variedade dos materiais, rigor metodológico, erudição, rasgos interpretativos, heranças e inovações conceptuais, ornamentos estéticos e culturais.

A partir de múltiplos interesses e preocupações, centrou-se essencialmente nos *Tempos Modernos*. Em Coimbra e a partir de Coimbra, criou, quase de raiz, uma notável, fecunda e promissora *Escola de Modernistas*, ciclicamente ramificada e renovada. Uma *Escola*, aliás, com significativas entradas e projecções em algumas áreas da *História Contemporânea*.

Às mãos largas, generosamente tem partilhado o seu saber, as suas luzes e os seus projectos. Influenciou milhares de estudantes no quadro da licenciatura. Abriu caminho e futuro a inúmeros discípulos na orientação de mestrados e doutoramentos. Discípulos que hoje em dia perpetuam e renovam a historiografia na Universidade de Coimbra e em muitas outras universidades e instituições. Discípulos de um verdadeiro Mestre, cujos apoios, estímulos e mensagens sempre convergiram no sentido de que cada um viesse a descobrir, na pluralidade dos territórios e horizontes historiográficos, nas contradições e nas encruzilhadas da vida, o seu próprio caminho e destino.

De variados modos e inquietações se avalia e preenche o tempo, que comporta múltiplas facetas e coordenadas: tempo histórico, tempo utópico,

tempo físico, tempo psicológico. Às vezes o tempo nos enreda e constrange, às vezes nos pressiona e liberta. O Doutor Antonio de Oliveira sempre desejou e alcançou ir mais longe. Nunca parou no tempo. Enfrentou sucessivos desafios e complexas realidades. Exemplo disso, a rápida e eficaz reconversão às novas tecnologias e a permanente ousadia de sulcar diferentes áreas e problemáticas sociais e historiográficas. Mais ainda, olhar para o passado nunca o desviou do presente e do futuro...

Ao longo de décadas, tem servido e prestigiado exemplarmente a Universidade de Coimbra, enquanto docente e investigador. Empenhou-se na vida e na gestão universitária, assumindo diversos cargos e responsabilidades, especialmente na direcção do *Instituto de História Económica e Social*, da *Revista Portuguesa de História*, da *Comissão Científica do Grupo de História*, do *Centro de História da Sociedade e da Cultura* e do *Arquivo da Universidade de Coimbra*. Tem-se batido, denodadamente, por uma Universidade de heranças e de mudanças; por uma Universidade criativa, exigente, responsável, solidária, aberta à comunidade e ao mundo exterior. Jamais se ensimesmou nas teias da “acrópole” ou enredou seus passos na “doce colina”. Ao invés, sempre se aventurou em mais caminhos, próximos e longínquos.

Nesse espírito de abertura e de intercâmbio, se inserem, entre outras iniciativas, a colaboração prestada a diferentes Universidades e a outras Escolas, as inúmeras conferências proferidas em distintos locais, a frutuosa e brilhante participação, no país e no estrangeiro, em dezenas de colóquios, encontros, simpósios e congressos.

Por muitas e fundas razões, o Doutor António de Oliveira goza do respeito, da admiração e da amizade de todos os colegas e discípulos. Pertence a prestigiadas *sociedades científicas*, nacionais e estrangeiras, que, simultaneamente, o consagraram e mais se distinguiram.

Muitas jornadas e valiosíssimos legados e exemplos assinalam e distinguem a vida do Doutor António de Oliveira. Tanto devemos ao Mestre universitário, que prodigamente semeia e reparte ideias, palavras e esperanças. Tanto devemos ao Homem e ao Amigo, que quotidianamente trilha e aponta os caminhos do humanismo e da solidariedade, comungando das nossas alegrias e mais ainda das nossas tristezas. De viva voz ou silenciosamente de nós mais solidário se aproxima quando amanhecem dias mais cinzentos e se adensam as sombras que carregamos, no tempo que passa e não passa.

Há momentos assim, em que a história nos traz mais vida, contemplando o

passado e o futuro, coligindo e sentindo razões e emoções. Na finitude e na imperfeição das palavras, regresso ao silêncio e ao eco dos sentimentos. Silenciosamente, dentro de nós caem e perduram as palavras ditas e por dizer nesta sentida homenagem ao Doutor António de Oliveira.

## **Coimbra, tradición y cambio. La obra de António de Oliveira en la historiografía del siglo XX**

ANTONIO EIRAS ROEL  
Universidad de Santiago de Compostela

### **Preámbulo**

Sean mis primeras palabras para agradecer a las Autoridades Académicas de la Faculdade de Letras de Coimbra y de su Instituto de História Económica e Social esta honra que me conceden de intervenir en este ilustre Anfiteatro y de participar en un acto tan importante de la vida académica de Coimbra y de la Universidad portuguesa. Al darme de este modo la ocasión de manifestar mi admiración y respeto por el ilustre Profesor al que se rinde aquí el homenaje de su *Jubileu Académico*, me brindan también la oportunidad de exponer algunas sencillas reflexiones personales en tomo a la persona y a la obra del Profesor Antonio de Oliveira y de intentar, con mejor o peor acierto, conectar el conjunto de su obra científica con el discurrir de la historiografía europea del último siglo y con el precedente de la historiografía portuguesa anterior. Pido disculpa si en el cumplimiento de este encargo la capacidad y conocimientos del glosador se muestran seguramente por debajo del mérito de la obra glosada y de la competencia de su ilustre autor. Bueno es que demande, en prevención, la gracia de poder acogerme al derecho de asilo, no otro que el espíritu magnánimo del propio laureado. De su benevolencia me cabe esperar que tenga a bien suplir el defecto del glosador; que su acogida preste pues a mis palabras el preciso suplemento, y que el historiador objeto de estas reflexiones acceda a valorar la intención por encima del acierto. Cualquier defecto u omisión del comentarista no podría, en ningún caso, empañar el brillo de una obra científica copiosa y